

THE WAY OF LIFE: UMA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA SOTERIOLOGIA ADVENTISTA POR MEIO DE IMAGENS

IURI TRINDADE CABRAL DA SILVA¹
FLAVIO PRESTES NETO²

Resumo: A arte, como linguagem, tem sido usada para comunicar significados religiosos, e o adventismo do sétimo dia, desde suas primeiras décadas, utilizou tecnologias de impressão para difundir sua fé por meio de ilustrações e gravuras. Entre elas, destaca-se *The Way of Life*, que teve quatro versões. Este artigo analisa como a linguagem artística da gravura *The Way of Life* reflete a compreensão adventista do sétimo dia sobre a doutrina da salvação em seu contexto histórico, destacando como as revisões em suas diferentes versões revelam uma crescente ênfase no papel central de Cristo no plano da salvação. Além disso, examina o papel da linguagem simbólica e visual, o desenvolvimento histórico da obra e sua relação com o contexto eclesial e teológico da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A análise da obra revela uma mudança significativa na ênfase teológica do movimento. As primeiras versões (1873 e 1876) davam grande destaque à lei de Deus, ilustrada por uma árvore maior do que a cruz, no centro da imagem. Isso refletia a prioridade da igreja na defesa de doutrinas distintivas, como a guarda do sábado. A partir da terceira versão (1883), no entanto, a árvore foi removida e a figura de Cristo na cruz se tornou central e proeminente, refletindo um movimento de ênfase na salvação pela graça. A evolução da gravura é um testemunho visual do progresso do pensamento adventista, que passou a colocar Cristo como o centro de suas crenças.

Palavras-chave: Adventismo. Soteriologia. Arte.

¹ Mestrando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: iuri_trindade@acad.unasp.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2454-1705>.

² Doutor em Teologia pela Andrews University. Docente no Mestrado em Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Brasil. E-mail: prestes.neto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0755-5946>.

THE WAY OF LIFE: A HISTORY OF THE DEVELOPMENT OF ADVENTIST SOTERIOLOGY THROUGH IMAGES

Abstract: Art, as a language, has been used to communicate religious meanings, and Seventh-day Adventism, since its early decades, has utilized printing technologies to spread its faith through illustrations and engravings. Among these, *The Way of Life* stands out, having had four versions. This article analyzes how the artistic language of the engraving *The Way of Life* reflects the Seventh-day Adventist understanding of the doctrine of salvation in its historical context, highlighting how revisions in its different versions reveal a growing emphasis on Christ's central role in the plan of salvation. It also examines the role of symbolic and visual language, the historical development of the artwork, and its relationship with the ecclesiastical and theological context of the Seventh-day Adventist Church. The analysis of the work reveals a significant change in the movement's theological emphasis. The first versions (1873 and 1876) prominently featured God's law, illustrated by a tree larger than the cross, at the center of the image. This reflected the church's priority in defending distinctive doctrines, such as Sabbath-keeping. From the third version (1883), however, the tree was removed, and the figure of Christ on the cross became central and prominent, reflecting a shift in emphasis towards salvation by grace. The evolution of the engraving is a visual testament to the progression of Adventist thought, which came to place Christ at the center of its beliefs.

Keywords: Adventism. Soteriology. Art.

1. Introdução

A arte, como linguagem, em suas diferentes manifestações, tem sido usada ao longo da história como meio para comunicar significados em diversas esferas da vida humana. Nogueira (2015, p. 119) afirma que “tanto a religião como a arte estão na base antropológica da cognição, por meio de simbolização”. Conceitos filosóficos, políticos e literários foram e são traduzidos em linguagem simbólica por meio da arte. O mesmo acontece com a religião. Durante séculos, a humanidade tem usado a arte para expressar suas crenças no transcendente. Seja por meio de uma escultura de pedra representando uma divindade ou dos vitrais de uma grande catedral, todas as manifestações artísticas religiosas expressam, por meio de suas linguagens, conceitos que falam sobre a relação do ser humano com o transcendente. Mas tão logo as novas tecnologias surgiram, procurou-se expandir seu uso para além da reprodução de textos, como nos mostra Castro (2010, p. 192), ao afirmar: “Uma vez inventada a imprensa com os tipos móveis, não se tardou a unir a ela as gravuras. A invenção da imprensa não seria possível sem o conhecimento acumulado pelos antigos povos com as técnicas de impressão ou gravuras xilográficas.”

Essas novas tecnologias de reprodução, surgidas no século 15, foram amplamente usadas para aumentar a difusão da arte religiosa, como gravuras em livros, quadros, diagramas e vários outros tipos de representação gráfica.

Já no século 16, o aperfeiçoamento das técnicas de reprodução gráfica conseguiu diminuir seu custo, popularizando a reprodução de imagens e ilustrações. Castro (2010, p. 208) afirma que nesse período “a gravura passou por uma verdadeira revolução técnica e de temáticas, [...] que permitia maiores tiragens e modificaram a estética, o público e as características das gravuras”.

Essas tecnologias foram usadas para diferentes fins, por diversos grupos da sociedade. Xavier (2022, p. 492) ressalta o uso desses recursos para “propósitos políticos, comerciais, ideológicos como ainda para fins religiosos, servindo para transmitir informações visuais e conhecimento para as pessoas, principalmente as iletradas”.

Desde as primeiras décadas de sua existência (1860-1870), os adventistas do sétimo dia fizeram amplo uso de tecnologias de comunicação. Seguindo os conselhos de Ellen G. White, eles empreenderam, desde cedo, ousados projetos na área de publicações (Schwarz; Greenleaf, 2016; Spalding, 1962). O destaque da denominação na utilização de recursos gráficos também é reconhecido por estudiosos da cultura visual, como Morgan (1999, p. 151), que afirma:

Por meio de uma série de artigos publicados em periódicos e jornais, ilustrações de livros, quadros pintados e mapas e imagens produzidos por litografia, os adventistas, desde a década de 1840 até o século 20, elaboraram sofisticadas representações visuais de sua doutrina central acerca do curso da história, desde os antigos anúncios proféticos até o iminente fim escatológico.

A igreja considerava de suma importância o investimento na produção de periódicos, livros e folhetos para disseminar os princípios de sua fé. As artes gráficas foram amplamente utilizadas na criação de diagramas proféticos, a fim de facilitar a compreensão de conceitos complexos dos livros de Daniel e Apocalipse. Além disso, diversas ilustrações foram empregadas nos livros produzidos pelas editoras da igreja.

Entre as gravuras que tiveram mais importância no movimento adventista, encontra-se o quadro intitulado *The Way of Life* (O Caminho da Vida). Essa gravura retrata a história da redenção, desde a queda do ser humano no Éden até a glória da Nova Jerusalém. Ela foi lançada em 1873 e teve quatro versões: a segunda em 1876, a terceira em 1883 e a última em 1980. A cada versão, a gravura sofreu modificações que refletem uma crescente ênfase na pessoa de Cristo e na Sua obra expiatória no plano da salvação.

O objetivo deste artigo é analisar como a linguagem artística utilizada na gravura *The Way of Life* reflete a compreensão dos adventistas do sétimo dia de sua época sobre a doutrina da salvação e como as mudanças empreendidas nas diversas versões do quadro refletem um movimento de ênfase no papel de Cristo no plano da salvação. Este trabalho não pretende oferecer uma análise exaustiva da soteriologia presente na referida obra, mas concentra sua investigação no entendimento da relação entre a lei e a graça.

Essa abordagem de pesquisa mostra-se particularmente adequada, uma vez que os estudos da cultura visual não se restringem a um campo específico do conhecimento, podendo constituir um importante instrumento para a análise e a interpretação de fenômenos de diferentes naturezas. Como observa Morgan (2005, p. 41), “o estudo da cultura visual consiste na investigação das operações constitutivas da visualidade em qualquer estudo acadêmico da representação, seja ele de história da arte ou de outra natureza”. Sob essa perspectiva, as pesquisas no campo da religião podem ser significativamente enriquecidas por esse referencial teórico. Nesse sentido, Morgan e Promey (2001) destacam que as análises históricas demonstram que, na intersecção entre religião e visualidade, o intérprete da cultura que negligencia qualquer um desses elementos corre o risco de deixar de perceber evidências fundamentais.

Para isso, este trabalho propõe-se, primeiramente, a desenvolver uma reflexão sobre o papel da linguagem simbólica, principalmente da linguagem imagética, na comunicação de significado, sobretudo no contexto religioso. Em seguida, será analisado o percurso histórico da produção das diferentes versões da obra em questão. Por fim, este artigo pretende investigar

de que maneira as mudanças ocorridas nas diversas versões da gravura se relacionam com o contexto eclesialístico e teológico da Igreja Adventista do Sétimo Dia no mesmo período.

2. Simbolismo, Imagem e Religião

O ser humano pode ser considerado um ser simbólico, uma vez que passou a se relacionar com o mundo por meio da mediação de uma “segunda realidade”, a realidade simbólica. Sendo assim, o ser humano se utiliza desses símbolos para criar conexões com objetos, seres e situações (Nogueira, 2015, p. 119).

Reimer (2004, p. 8), ao definir o conceito de símbolo, explica que nele “sempre existem duas coisas separadas, mas que se complementam. Na verdade, uma parte remete à outra”. Assim, o símbolo se constitui como uma representação de outro, seja ele concreto ou abstrato. Essa é, por definição, a função do símbolo. Ao ressaltar a função representativa do símbolo, Tillich (2009, p. 100) afirma que “o símbolo representa algo além dele, com o qual se relaciona e em cujo poder e sentido participa”.

São vários os tipos de símbolos existentes; no entanto, devido ao objeto de análise desse trabalho, é a imagem usada como símbolo que merece aqui especial atenção. Higuete (2015, p. 18) afirma que, assim como os outros símbolos, “a imagem constitui uma representação intermediária entre o concreto e o abstrato, o real e o pensado, o sensível e o inteligível”.

Ao analisar a imagem como símbolo, Higuete faz uma distinção entre imagem mental e material. A primeira é uma reprodução interna e cognitiva de um outro, enquanto a segunda é uma reprodução externa, que projeta o conteúdo da imagem interna. Em suas palavras, ele conceitua da seguinte forma: “A imagem material é a transposição material da imagem mental sobre um suporte externo, independente do sujeito. Ela tem fins de expressão (arte), comunicação (escrita pictográfica), de ação mágica (imagem apotropaica) ou religiosa (ritual ou cultural)” (Higuete, 2015, p. 22).

A imagem como símbolo traz funções que podem ampliar a compreensão humana sobre conceitos e fatos, complementando, assim, outras formas de linguagem. Para Higuete (2015, p. 48), “uma imagem, sobretudo artística, permite inaugurar uma nova visão das próprias coisas, de modo que o real acaba sendo percebido por meio da sua imagem”. As pinturas e as técnicas iconográficas, segundo o autor, tornam visível a quem as olha mais do que se pode ver na percepção comum. Essas imagens não repetem o mundo, mas o revelam sob uma nova luz (Higuete, 2015).

Essa função amplificadora da compreensão da realidade, exercida pela linguagem imagética, tem lugar também na religião. Para Tillich (2009), os símbolos religiosos, assim como os outros, abrem determinado nível da realidade para a compreensão de quem os recebe. Sobre o uso das imagens no contexto religioso, Higuete (2015, p. 21) afirma:

Muitas práticas consistem em desenvolver o pensamento verbal por uma visualização icônica. Assim, na Idade Média e no Renascimento, a expressão verbal está sempre acompanhada por uma imagem visual que a ilustra ou a reforça (por exemplo, iluminuras e caligrafias figurativas nas Bíblias).

Assim, o uso de imagens no contexto religioso contribui com outros meios de linguagem, como a escrita, por exemplo, para ampliar a compreensão a respeito de seus conceitos relacionados ao sagrado e à experiência religiosa. Gravuras, diagramas, ilustrações em livros e folhetos são instrumentos para comunicar mais do que seria possível se fossem usadas apenas palavras.

O recurso imagético foi e ainda é amplamente usado no contexto religioso para transmitir seus conceitos e ideias. Esses símbolos podem e devem ser interpretados para uma correta compreensão dos seus significados. Higuett (2015, p. 37) afirma que a “hermenêutica apresenta-se como método de interpretação da expressão simbólica, em particular das imagens, elevada ao nível de método específico da compreensão do ser humano”. Portanto, para captar o sentido da imagem religiosa é necessário interpretá-la. Para isso, é preciso se utilizar de uma hermenêutica apropriada a fim de compreender os contextos e nuances que envolvem o uso dos símbolos nas imagens religiosas.

Portanto, este trabalho propõe realizar uma análise tanto iconográfica quanto iconológica da obra *The Way of Life*. Para Panofsky (2007), iconografia e iconologia se apresentam como etapas distintas da análise de uma obra. Enquanto a iconografia identifica os elementos que compõem uma obra, a iconologia se ocupa da descoberta e interpretação dos valores simbólicos desses elementos (Panofsky, 2007). A proposta deste trabalho consiste na realização de uma etapa de análise iconográfica na qual serão identificados e descritos os símbolos que compõem as diferentes versões da gravura e outra de análise iconológica que buscará interpretar o significado desses símbolos e sua relação com o contexto religioso da denominação adventista nas décadas de 1870 e 1880.

3. Percurso Histórico da Evolução da Gravura

A gravura conhecida como *The Way of Life* teve quatro versões: 1873, 1876, 1883 e 1980. Cada versão agregou mudanças que a diferenciam da gravura que a antecede. Ao traçar o percurso histórico da criação de cada versão, é possível compreender melhor o contexto envolvido no desenvolvimento e evolução da gravura.

3.1. Primeira Versão – 1873

A primeira menção à gravura *The Way of Life* em periódicos adventistas ocorre na edição de 27 de maio de 1873 da *Review and Herald*. O artigo de lançamento da obra, intitulado “The way of life from paradise lost to paradise restored” [O caminho da vida, do paraíso perdido ao paraíso restaurado] é assinado por M. G. Kellogg, a quem também é atribuída a autoria da imagem. A pictografia media 19 x 24 polegadas (48 x 61 cm) e era vendida sob encomenda por meio do endereço postal da própria revista pelo valor de um dólar.

A publicação traz em seu texto uma detalhada descrição da imagem, bem como o significado dos símbolos empregados em sua composição. A obra (Fig. 1) é descrita como “uma figura alegórica, projetada para ilustrar a queda do ser humano no pecado e sua redenção” (Kellogg, 1873, p. 192). Devido à riqueza de detalhes empregada na descrição da imagem, será apresentado aqui um resumo das explicações dadas pelo periódico.

Figura 1 – *The Way of Life, From Paradise Lost to Paradise Restored* (1873)

Fonte: Adventist Digital Library

Na publicação de lançamento da gravura na *Review and Herald*, foi reservada uma seção para testemunhos, na qual alguns dos nomes de maior destaque dentro do movimento adventista puderam expressar suas primeiras impressões sobre o quadro. Todos os comentários exaltaram as qualidades artísticas da obra e os benefícios espirituais advindos de seu uso.

Uriah Smith, que havia sido editor do mesmo periódico, salienta que uma das virtudes da gravura consiste em apresentar a relevância da lei na experiência da salvação e sua relação com o evangelho. Ele expressa suas impressões nas seguintes palavras:

Algumas gravuras são valiosas simplesmente por sua excelência como obras de arte; esta tem a vantagem de ser um tema importante para estudo. A relação, não apenas de Cristo, mas também da lei, com cada dispensação, é claramente demonstrada, e o problema, tão difícil para muitas mentes, de como a lei e o evangelho podem coexistir, é resolvido à primeira vista. Onde quer que esta imagem seja exibida, acreditamos que será um meio de ajudar a disseminar informações muito necessárias sobre este importante ponto (*Review and Herald*, 27 de maio de 1873).

Outro comentário exaltando a obra veio da parte de J. N. Andrews, considerado uma das mentes mais capazes do movimento adventista e ex-presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Andrews destaca a utilidade do quadro como instrumento evangelístico, auxiliando os pregadores na exposição do tema da salvação:

Interessará ao estudante atencioso da Bíblia, embora essas coisas, em sua maioria, já estivessem claras em sua visão mental. Além disso, interessará àqueles que nunca deram a esses assuntos uma reflexão séria ou contínua. E aqui, talvez, resida a principal utilidade prática desta obra. Pessoas indiferentes, que não podem ser alcançadas pela palavra escrita, nem pelo pregador, certamente, ao que me parece, darão atenção a esta admirável lição do “caminho da vida” (*Review and Herald*, 27 de maio de 1873).

George Butler, presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia em exercício à época, exaltou também a relação estabelecida entre a lei e a salvação apresentada na obra, afirmando:

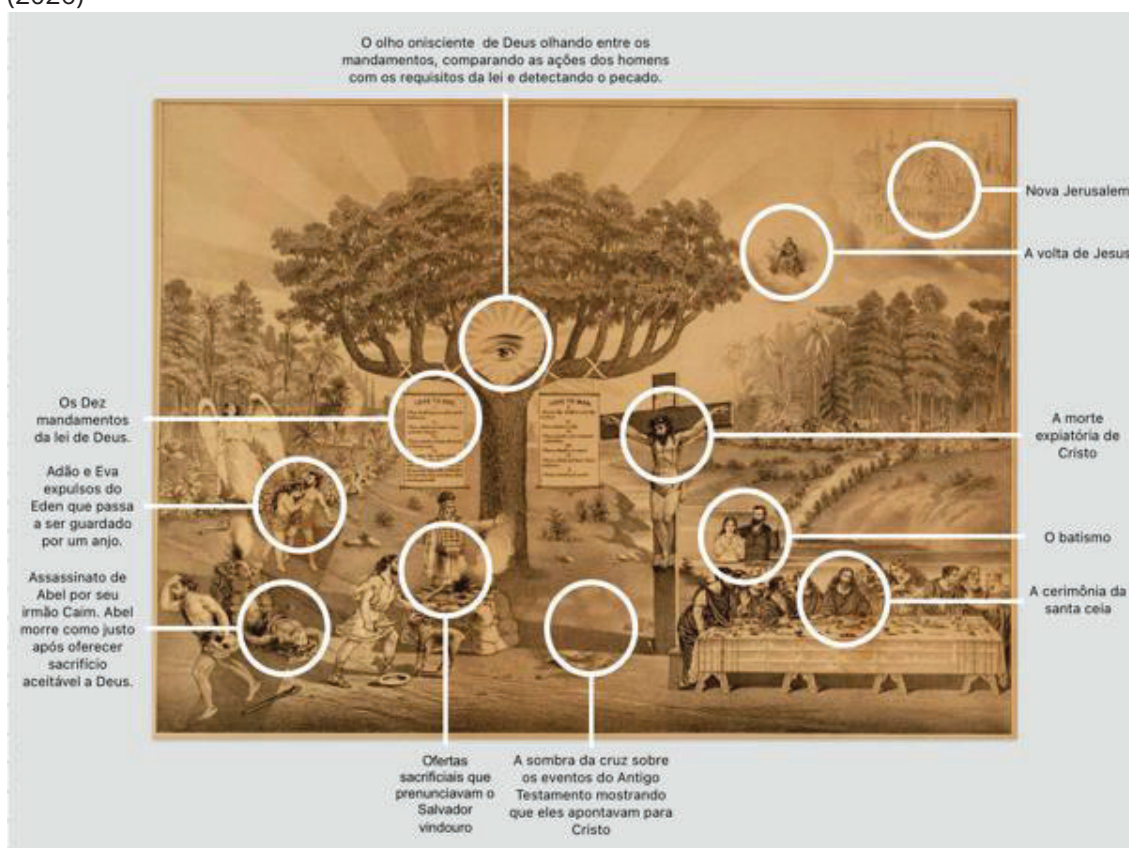
Nela os Dez Mandamentos, contendo os princípios da lei perfeita e imutável de Deus, Seu padrão de retidão para todas as dispensações e todos os tempos, estão em conexão com a cruz de Cristo: um mostrando a lei que o ser humano transgrediu; o outro, o único remédio designado para tal transgressão (*Review and Herald*, 27 de maio de 1873).

A Figura 1 apresenta uma cópia da primeira versão da pictografia descrita na *Review and Herald* em 1873. A descrição afirma que a gravura “apresenta, de relance, o propósito das formas e cerimônias dos sistemas religiosos patriarcal, judaico e cristão”. Ao analisar a imagem, Morgan (1999, p. 203), estudioso da cultura visual, destaca como a principal vantagem dessa obra a clareza de significado que ela expressa, salientando que ela “demonstrou que uma imagem poderia ser tão discursiva, instrutiva e informativa quanto um quadro profético”. O texto afirma que no centro da figura está Cristo e que, à Sua esquerda, “há uma marcante representação das eras patriarcal e judaica, com as ofertas sacrificiais que prenunciavam o Salvador vindouro” (*Review and Herald*, 27 de maio de 1873). A sombra da cruz se projeta sobre a imagem dessa oferta, oferecida sobre um altar de pedra. Adão e Eva se encontram na extrema esquerda da imagem, em sua cena de expulsão do jardim do Éden, com um anjo guardando sua entrada. A cena do assassinato de Abel por seu irmão Caim também está presente.

Descrita como estando próxima ao centro da imagem, há uma grande árvore, onde estão pendurados os Dez Mandamentos, e o “olho onisciente de Deus é mostrado observando por meio de Sua lei para contemplar os filhos dos homens, comparando suas ações com os requisitos dela e, assim, detectando todo pecado”.

À direita da cruz, encontram-se as representações da Ceia do Senhor e do batismo. Ainda no lado direito, mais ao fundo da imagem, vemos “a vinda do Filho do Homem nas nuvens do céu e a Nova Jerusalém descendo de Deus, do Céu” (*Review and Herald*, 27 de maio de 1873). A identificação dos principais elementos pode ser vista em destaque na Figura 2.

Figura 2 – *The Way of Life, From Paradise Lost to Paradise Restored*, com explicação resumida dos símbolos (2026)



Fonte: Adaptado de Adventist Digital Library.

A gravura de 1873 representa os pontos considerados essenciais para os adventistas no que diz respeito à doutrina da salvação. Nela estão representadas a queda do ser humano, as cerimônias que apontavam para o Salvador vindouro, a morte expiatória de Cristo, os novos preceitos deixados por Cristo, como o batismo e a Ceia do Senhor, e a esperança do Seu breve retorno e da vida eterna na Nova Jerusalém.

É impossível não notar, seja por meio dos símbolos empregados na gravura, seja por meio dos comentários publicados pelos pioneiros da igreja a respeito dela, que a lei possuía grande destaque para os adventistas daquele período. Os Dez Mandamentos se encontram no centro da figura, ao lado da cruz de Cristo. O olho onisciente de Deus perscruta o ser humano por meio da lei, analisando-o de acordo com os princípios do Decálogo. A própria árvore onde estão pendurados os mandamentos é muito maior, ocupando posição central, e chama bem mais atenção do que a imagem do sacrifício de Jesus na cruz.

Uma seção contendo comentários elogiosos sobre a gravura foi incluída ao final do artigo de apresentação da imagem, publicado em 27 de maio de 1873 na *Review and Herald*. Foram registrados nessa seção os testemunhos de proeminentes líderes da época, tais como Uriah Smith, J. N. Andrews e George Butler. Esses comentários exaltam a apresentação feita da lei por meio das imagens da gravura. A apresentação da importância e do papel da lei em sua relação com a graça é enaltecida como um dos triunfos dessa pictografia. Essa ênfase na lei de Deus, como será demonstrado mais adiante, será um dos motivos para algumas das mudanças realizadas em versões posteriores da gravura.

3.2. Segunda Versão – 1876

Nos anos seguintes ao lançamento da primeira versão de *The Way of Life*, a gravura continuou sendo anunciada por meio da *Review and Herald* e de outras publicações. A gravura tornou-se popular entre os adventistas. No entanto, pouco tempo depois de seu lançamento, Tiago White, então editor do periódico, e sua esposa, Ellen G. White, decidiram que a gravura precisava de melhorias. Em carta datada de 1876, Ellen White escreve que “o ‘Caminho da Vida’ deve ser revisado e aprimorado de todas as formas” (*Letters and Manuscripts*, vol. 3, par. 8).

Na edição de 12 de outubro de 1876 da *Review and Herald*, é anunciada a nova versão da gravura. Dessa vez, apenas uma pequena nota é escrita a respeito. O texto é simples e não se propõe a apresentar ao público de forma detalhada as mudanças empreendidas na gravura. Apenas é dito o seguinte:

A segunda edição da gravura, intitulada “O Caminho da Vida do Paraíso Perdido ao Paraíso Restaurado”, está pronta. Essa imagem instrutiva foi muito melhorada em seu projeto, bem como em sua beleza artística. É realmente uma esplêndida ilustração dos grandes fatos da redenção por meio de Jesus Cristo (*Review and Herald*, 12 de outubro de 1876, p. 120).

Após essa breve descrição, é informado que a gravura poderia ser adquirida por meio do periódico pelo mesmo valor de um dólar que era cobrado pela versão anterior.

Figura 3 – *The Way of Life* (1876)



THE WAY OF LIFE
FROM PARADISE LOST TO PARADISE RESTORED.

Fonte: Ellen G. White Estate.

Embora o pequeno espaço dedicado ao lançamento da nova gravura na *Review and Herald* possa dar a impressão de que pouca importância foi atribuída ao tema, esse não é o caso. A economia de palavras na menção à gravura no periódico pode ser explicada pelo fato de que Tiago White resolveu escrever um pequeno livreto, tendo o mesmo título da figura, com o objetivo de explicar melhor os símbolos e imagens contidos nela.

O livreto, escrito por Tiago White e publicado pela editora Pacific Press, repete grande parte da descrição da obra feita na edição da *Review* de maio de 1873. São acrescentadas as explicações feitas sobre as figuras e símbolos, bem como passagens bíblicas que ajudam a reforçar os conceitos apresentados na imagem. É omitida no livreto a explicação sobre o olho onisciente de Deus, uma vez que ele foi retirado da imagem nessa segunda versão. Essa, aliás, é uma das poucas mudanças significativas nas figuras apresentadas nessa versão. Além da ausência do olho onisciente, pode-se notar também a ausência da imagem da volta de Jesus. A cidade santa foi trazida para a Terra. A criança e os animais que representavam a Terra renovada foram removidos. Os demais elementos sofreram mudanças de caráter estilístico, mantendo seu simbolismo original.

Essa segunda versão é, em essência, um melhoramento da versão anterior, sem representar uma grande mudança na ênfase da imagem. Os elementos centrais que ganharam destaque na primeira versão permanecem na gravura de 1876. A grande árvore com a lei de Deus ainda está no centro da imagem, ao lado de Jesus, mostrando que a ênfase da gravura continua sendo a relação entre a lei e a graça no plano da salvação.

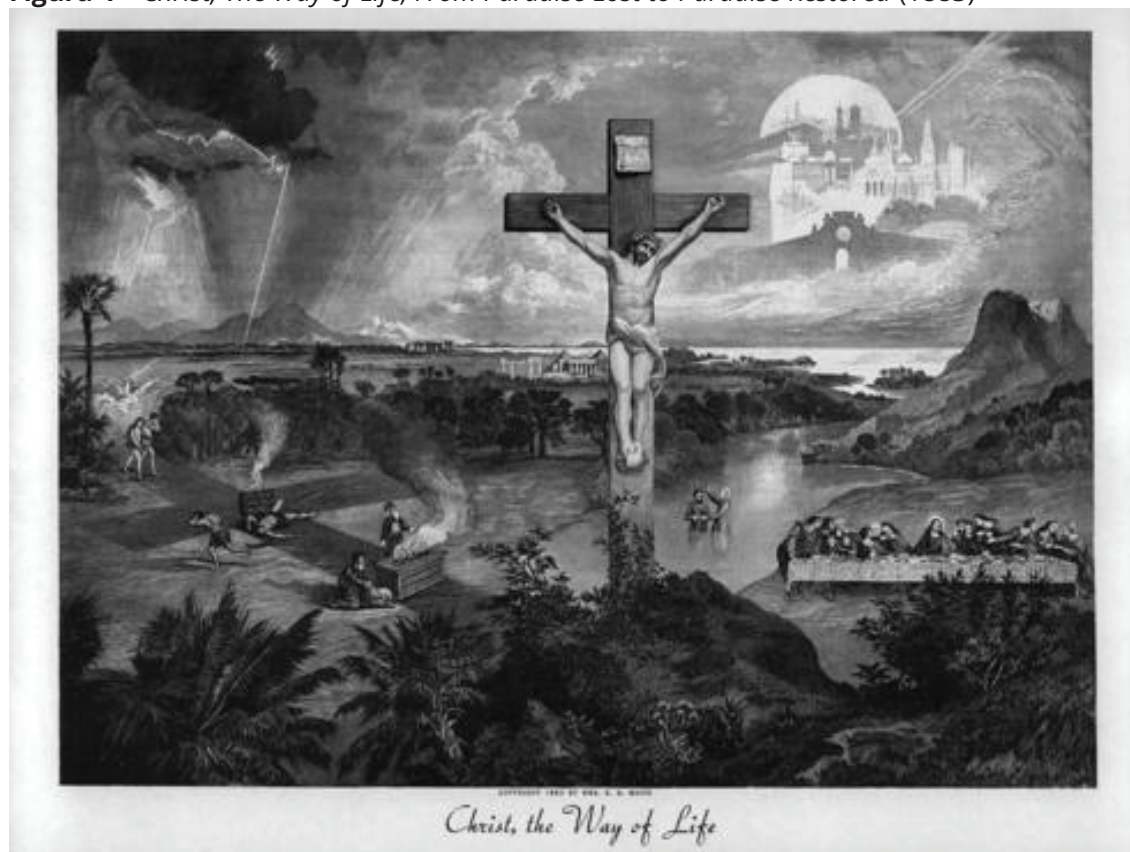
3.3. Terceira Versão - 1883

Whidden afirma que quatro anos após o lançamento da segunda versão de *The Way of Life*, Tiago White escreveu para Ellen G. White sobre seus planos para uma nova imagem:

Tenho um esboço da nova imagem [...]. Ela difere de *The Way of Life* nestes detalhes: a árvore da lei é removida. Cristo na cruz é ampliado e colocado no centro. Em outros detalhes, é quase o mesmo, exceto pela cena do batismo, e a cidade será muito melhorada (apud Whidden, 1992).

Tiago dedicou o final de 1880 e o início de 1881 a uma nova edição aprimorada da gravura. O projeto foi expandido para incluir a impressão internacional da imagem, a publicação de um livro de apoio e a ampliação de seu guia explicativo. O título planejado era *Christ, the Way of Life, From Paradise Lost to Paradise Restored* [Cristo, o caminho da vida: do paraíso perdido ao paraíso restaurado] (Whidden). Em janeiro de 1881, Tiago foi à cidade de Nova York para se “encontrar com Thomas Moran, que dizem ser o melhor artista do mundo, a respeito da finalização da gravura em aço de *The Way of Life*” (White, 1881, n.p.).

Apesar de seu esforço e empenho, Tiago White não pôde concluir seus planos para a gravura, pois faleceu antes, em 6 de agosto de 1881. Ellen, com a ajuda de seus filhos, cumpriu o plano de seu marido em 1883, quando registrou os direitos autorais de uma nova gravura em chapa de aço. A nova imagem colocou Cristo na Cruz como o centro dominante do plano da salvação (Whidden, 1992).

Figura 4 – *Christ, The Way of Life, From Paradise Lost to Paradise Restored* (1883)

Fonte: Adventist Digital Library – Ellen G. White Estate.

121

A nova imagem foi lançada na edição de 30 de outubro de 1883 da *Review and Herald*. No texto de lançamento da gravura, repetem-se as mesmas palavras, e os editores reafirmam o objetivo da imagem, como descrito nas outras versões: “Apresentar, num único olhar, os principais eventos da história do ser humano relacionados ao plano divino de redenção, desde o tempo do primeiro pecado e da queda, até a restauração final da raça humana ao Paraíso de Deus” (*Review and Herald*, 30 de outubro de 1883, p. 687).

O artigo da revista destaca que a gravura vinha acompanhada de um livro de 48 páginas, que explicava em detalhes as figuras contidas na gravura, além de um artigo escrito por Ellen G. White que descrevia os sofrimentos, a traição, a crucificação e a ressurreição de Jesus Cristo. A imagem foi oferecida pelo valor de um dólar e 50 centavos.

O texto de apresentação da versão de 1883 destaca as principais mudanças na imagem, ressaltando que sua figura central é Cristo. De fato, essa é uma mudança radical em relação às versões anteriores. Nesta versão, Cristo pregado na cruz aparece em destaque, em tamanho maior do que qualquer outra figura. A cena da cruz não apenas está no centro da imagem, como também está à frente de todas as outras cenas, mostrando a importância dada a ela nessa gravura. A árvore com os Dez Mandamentos que dominava as gravuras anteriores, e disputava espaço com Cristo no centro da imagem, agora foi completamente removida.

Outras mudanças mais sutis podem ser observadas, como o acréscimo de ruínas de templos pagãos e de relíquias do paganismo, além do aprimoramento da representação da Nova Jerusalém e da cena do batismo. Embora essas pequenas mudanças tenham sua contribuição no aperfeiçoamento da imagem, é a centralidade de Cristo, como mencionado anteriormente, que faz dessa terceira versão a que mais difere das outras, até então.

Podemos ver essa diferença já no texto de apresentação da versão de 1883. Nele termos como “cruz”, “Cristo”, “redenção” e “graça”, ocorrem nove vezes. Já os termos “lei” e “mandamentos”, não aparecem mais no texto. No texto de lançamento da primeira versão em 1873 os mesmos termos que se referem a obra redentora de Cristo ocorrem doze vezes enquanto os termos referentes à lei aparecem seis vezes no texto. Enquanto na primeira versão a graça redentora é apresentada em sua relação com a lei, na versão de 1883 é a obra de Cristo em favor da humanidade o tema de maior destaque.

3.4. Quarta Versão - 1980

A versão de *The Way of Life* de 1883 permaneceu sem alterações por quase um século, sendo substituída por sua atual versão apenas em 1980. A versão mais recente da obra é um vibrante mural colorido, encomendado pelo Ellen G. White Estate e pintado pelo artista Elfred Lee. Apresentado ao público pela primeira vez na assembleia da Associação Geral de 1980, em Dallas, Texas, o mural agora está exposto de forma proeminente na sede mundial da Igreja Adventista.

Na primavera de 1980, Elfred Lee aceitou o desafio de recriar a icônica imagem. O resultado foi um mural de grandes dimensões que se tornou a peça central da exposição do White Estate naquele ano.

Após a sessão, a obra foi instalada permanentemente nos escritórios do White Estate, primeiro em Washington, D.C. e, desde 1989, na nova sede, em Silver Spring, Maryland, onde o mural é exposto e é contemplado por milhares de visitantes anualmente.

Figura 5 – *Christ, the Way of Life* (1980)



Fonte: Adventist Digital library – Ellen G. White Estate.

O diferencial dessa versão é o fato de ter sido, pela primeira vez, produzida em cores. Essa mudança está em sintonia com as mudanças ocorridas nas mídias desse período. O

contexto midiático da década de 1980, marcado pela crescente propagação de imagens coloridas, principalmente por meio das transmissões televisivas, forneceu a oportunidade para uma reformulação estética de *The Way of Life*. Com o mundo transmitindo e produzindo cada vez mais imagens coloridas, a igreja, em sintonia com seu tempo, reformulou a gravura para se adequar ao espírito da época.

Vale ressaltar que a versão lançada em 1980, de *The Way of Life*, não traz nenhuma mudança significativa na ênfase da gravura e em suas figuras. As mudanças são apenas de caráter estético, permanecendo a versão de 1883 como base da versão atual.

4. A História do Desenvolvimento Soteriológico a partir das Gravuras

Até este ponto, este trabalho descreveu o desenvolvimento da obra pictográfica *The Way of Life* em suas diferentes versões, de 1873 até a sua quarta e última versão em 1980. Foi possível analisar as principais características de cada obra e entender sobre o processo empreendido de melhorias de uma versão para outra.

Não se encontram diferenças significativas, respectivamente, entre a primeira (1873) e a segunda versão (1876), bem como entre a terceira (1883) e a quarta versão (1980). As mudanças efetuadas entre esses dois pares são essencialmente estéticas. Embora alguns elementos possam ter sido suprimidos ou acrescentados entre essas versões, eles não constituem uma mudança significativa na ênfase da mensagem transmitida pela gravura em relação à versão com que as estamos comparando.

O caso é completamente outro quando tratamos da mudança entre a segunda (1876) e a terceira versão (1883). A transição entre essas duas versões representa a grande virada na história do desenvolvimento dessa gravura e uma mudança em sua ênfase e em sua mensagem. A Figura 6 nos ajuda a visualizar as grandes diferenças entre a segunda (1876) e a terceira versão (1883) de *The Way of Life*. Embora as mudanças estéticas sejam evidentes, como o estilo dos traços, o aperfeiçoamento das figuras da cidade santa e da Ceia do Senhor, o que realmente chama a atenção é a mudança do foco principal da imagem.

Figura 6 – Segunda (1876) e terceira (1883) versões da gravura *The Way of Life* colocadas lado a lado (2026)



Fonte: Adaptado de Adventist Digital Library.

Na versão de 1876, embora seja declarado em seu artigo da *Review and Herald* que a lei estava ao lado da cruz, mostrando a relação entre elas, é evidente que na imagem a lei se destaca. A árvore que carrega a lei sobressai na gravura devido ao seu tamanho, muito maior do que a cruz de Cristo. Já na versão de 1883, se efetua uma mudança radical. A grande árvore e a lei são totalmente removidas. Cristo na cruz não apenas permanece no centro da imagem, agora sem disputar espaço com os Dez Mandamentos, como também recebe ainda mais destaque, sendo aumentado em seu tamanho e colocado em posição de destaque à frente das demais cenas que ocorrem na gravura.

Tendo em vista o que foi apresentado até aqui, será analisado como o contexto teológico e eclesiológico da Igreja Adventista do Sétimo Dia influenciou as mudanças ocorridas nas obras. Como a grande mudança na ênfase da gravura ocorre entre as versões de 1876 e 1883, o foco deste trabalho será colocado sobre as mudanças efetuadas entre essas duas versões. Será analisado de que maneira as alterações feitas no desenvolvimento das versões da gravura refletem mudanças no pensamento dos adventistas desse período e quais os eventos e conceitos que explicam a necessidade dessas mudanças nas diferentes versões.

4.1. Primeira e Segunda Versões

Como visto anteriormente, as duas primeiras versões de *The Way of Life* não apresentam alterações significativas entre si. Salvo algumas mudanças de estilo e supressão da figura do olho onisciente de Deus, o restante da imagem permanece muito semelhante. Ambas as versões são marcadas pela ênfase dada à lei de Deus, ilustrada pelos Dez Mandamentos pendurados em uma grande árvore no centro da imagem. Vale lembrar que, embora localizada próxima ao centro, ao lado da imagem da cruz, a árvore contendo os Dez Mandamentos é muito maior do que a cena da crucificação, disputando com ela atenção do espectador e tomando o protagonismo da gravura.

Ao abordar o tema da análise da linguagem visual, Donis A. Dondis (1997) menciona um estado de composição visual denominado por ela de “ambiguidade”. Nesse estado, a figura em destaque não se encontra claramente nem o centro da imagem, como era de esperar, nem longe dele. Essa posição ambígua tem o potencial de confundir o espectador e “obscurece não apenas a intenção compositiva, mas também o significado” (Dondis, 1997, p. 39).

Essa ambiguidade pode ser encontrada no posicionamento da cruz e da árvore dos Dez Mandamentos nas duas primeiras versões de *The Way of life*. Na descrição de lançamento da figura, é dito pelos editores que no centro da imagem está a cruz de Cristo e, próximo a ela a árvore contendo a lei de Deus. No entanto, uma descrição mais detalhada diria que a imagem da cruz está próxima ao centro, como pode ser verificado na Figura 1 e na Figura 3. Não só a cruz não está centralizada na imagem, como a árvore, que está ao lado da cruz, acaba por disputar com ela a centralidade da imagem. Esse posicionamento ambíguo dos símbolos que representam a lei e a graça, próximos ao centro da imagem, são representativos de uma ambiguidade na retórica adventista da época a respeito da relação entre esses dois elementos e sobre qual deles deveria ocupar posição de destaque.

O que estava acontecendo no movimento adventista nessa época, que pode explicar o forte protagonismo da lei nas duas primeiras versões da gravura? Para compreendermos o papel que a lei e sua relação com a salvação ocupavam na mente dos adventistas nas primeiras décadas de existência do movimento, precisamos entender o contexto do seu surgimento e das especificidades das doutrinas que os diferenciavam de outras denominações.

Nos primeiros anos do movimento adventista, a denominação abraçou crenças como o sábado, a validade da lei de Deus, a imortalidade condicional da alma e outras doutrinas que se

colocavam em oposição às crenças defendidas pela maioria das denominações cristãs da época. Com o intuito de defender e propagar a sua fé, os pioneiros adventistas concentraram sua atenção nas doutrinas distintivas.

As razões que justificavam este destaque na proclamação das doutrinas caracteristicamente adventistas eram evidentes. À medida que a igreja crescia, multiplicavam-se os ataques contra ela. Proliferavam por toda a parte um sem-número de publicações denunciando as “heresias” adventistas. A observância do sábado passou a ser o ponto focal das investidas adversárias. Para invalidar a importância do quarto mandamento, os pregadores protestantes elaboraram argumentos especiosos e refinados sofismas, em um esforço inútil por provar que Deus modificou a lei ou proscreeu a vigência do Decálogo (Oliveira, 1985, p. 91).

Com o propósito de proclamar as mensagens distintivas que haviam abraçado e de defender a sua fé dos ataques de outros grupos religiosos, os adventistas concentraram suas atenções em desenvolver os temas relacionados aos Dez Mandamentos, à validade da lei de Deus e a outras doutrinas distintivas. Por causa desse cenário, os adventistas dessa época passaram a se envolver cada vez mais em debates públicos sobre temas como a lei de Deus. Grandes pregadores passaram a estudar e gastar seu tempo desenvolvendo argumentos para exaltar a guarda dos mandamentos diante daqueles que pregavam a desobrigação de se guardar a lei de Deus.

Ridicularizados por seus companheiros cristãos como legalistas e judaizantes, e perseguidos em algumas regiões, esses adventistas do sétimo dia pesquisavam a Bíblia para sustentar sua crença sabática. Acharam nela um verdadeiro arsenal de textos-prova, que poderiam ser organizados com uma lógica esmagadora para demonstrar a perpetuidade do sábado. Fiéis apreciavam debates e, imperceptivelmente, tendiam a se tornar precisamente o que eram acusados de ser: legalistas que olhavam para suas próprias obras em busca de salvação, em vez de olhar para Jesus Cristo (Oliveira, 1985, p. 92).

Defender a lei de Deus passou a ser uma prioridade. No entanto, mesmo não sendo este o objetivo inicial, essa ênfase dada à defesa da lei nos debates teve como consequência o afastamento de muitos desses pioneiros dos temas relacionados à salvação. Enoch de Oliveira (1985, p. 92) resume bem esse estado de coisas ao afirmar que “nestas inflamadas discussões públicas, os relâmpagos do Sinai ofuscavam com frequência os fulgores do Calvário”.

Outra explicação pode ser acrescentada para nos fazer entender a razão da forte ênfase dada à lei pelos primeiros adventistas, e é uma razão muito prática. Após o Grande Desapontamento pelo não retorno de Jesus em 1844, os adventistas entenderam que ainda tinham uma missão e verdades que precisavam ser proclamadas ao mundo. Havia ainda uma obra a ser feita:

A ruptura na lei de Deus deveria ser reparada – o sábado do sétimo dia haveria de ser restaurado. Aqui estava uma prova divinamente ordenada para demonstrar se aqueles que professavam amar a Deus realmente o amavam ou não (Schwarz; Greenleaf, 2016, p. 219).

Uma vez que tinham assumido a missão de proclamar as verdades que criam que haviam sido esquecidas pelo cristianismo em voga, por que deveriam gastar tempo pregando aquilo que as denominações da época já criam? A crença na morte expiatória de Cristo e na salvação pela graça eram amplamente difundidas e defendidas no mundo cristão. Sendo assim, pareceu

bem aos adventistas não repetir a proclamação de crenças que a maioria já cria para se concentrar nas doutrinas que o mundo ainda precisava compreender.

George Knight (2005, p. 92) resume a lógica por traz dessa estratégia dos pioneiros adventistas da seguinte forma:

Levando-se em conta o fato de que os adventistas do século 19 viviam numa cultura vastamente cristã, eles não costumavam enfatizar as crenças que tinham em comum com os outros cristãos. Afinal de contas, por que pregar graça salvadora a batistas, que já criam nela? O importante, segundo a lógica, era pregar as verdades peculiarmente adventistas, para que as pessoas pudessem converter-se doutrinariamente ao adventismo do sétimo dia.

Essa lógica, embora mostre um certo pragmatismo dos primeiros adventistas em relação às suas estratégias de missão, trouxe uma consequência inesperada. Knight (2005, p. 91) apresenta a constatação de que, “no processo de enfatizar o que era adventista no adventismo, perderam grandemente de vista os aspectos cristãos de sua teologia”.

Essa forte ênfase na pregação da lei de Deus, com sua consequente falta de atenção a temas como a morte expiatória de Cristo e a salvação pela graça, pode ser vista nos periódicos adventistas da época. Olson (1966) empreendeu uma varredura detalhada dos artigos publicados nos periódicos oficiais adventistas em suas primeiras décadas. Em sua pesquisa, o autor afirma que “Nas primeiras décadas, quase todas as edições dos jornais da igreja continham artigos que tratavam das várias facetas da guarda da lei, da observância do sábado, das alianças, etc.” (Olson, 1966, p. 10).

No que diz respeito às publicações sobre a salvação, a justificação pela fé, Olson afirma que (1966, p. 10) “os jornais e livros publicados nos primeiros anos do movimento adventista contêm uma escassa quantidade de material sobre esse tema”. Pease (1968, p. 75) argumenta que “a justificação pela fé, embora não fosse posta em dúvida, tampouco era uma das grandes doutrinas adventistas” e que “a atenção dada a esta doutrina nos primeiros anos embora fosse escassa, procedia em sua maioria de Tiago White e de sua esposa Ellen”.

Esse é um ponto de importante destaque. Embora de modo geral, em suas pregações e publicações, os adventistas estivessem colocando sua máxima atenção na lei de Deus em detrimento de conceitos como justificação pela fé e salvação, havia uma relevante exceção: Ellen G. White. Segundo as análises de Pease (1968) sobre os escritos de White, em vários de seus escritos da década de 1870 e 1880 é possível encontrar importantes referências à redenção, à obra de Cristo em favor do ser humano, à justificação pela fé e a outros temas semelhantes, deixando claro que em seus escritos é ensinado que “à parte de Cristo, não há salvação do pecado e, por meio Dele, há abundante redenção” (Olson 1966, p. 12).

Vimos até aqui que, nos primeiros anos do adventismo, forte ênfase foi dada à pregação das doutrinas distintivas, com destaque para a guarda do sábado e a validade da lei de Deus. Esse contexto contribuiu para que doutrinas como a justificação pela fé não fossem enfatizadas. No entanto, neste ponto é necessário fazer uma observação. A falta de ênfase na graça não significa que os adventistas desse período não cressem nessa doutrina.

Sem dúvida, os pais do movimento do Segundo Advento acreditavam na graça expiatória de Cristo como o único meio de salvação. Isso era reconhecido por Andrews, Waggoner, Smith, Loughborough, Cottrell e Tiago White. E talvez cada membro dissesse amém. Contudo, porque nas mentes da maioria a doutrina era assumida como a verdade básica em vez de ser enfatizada como a verdade dominante, ela foi em grande medida perdida de vista (Spalding, 1962, p. 286).

Olson (1966, p. 20) também destaca que apesar da predominância de artigos sobre a lei e o sábado nos periódicos adventistas, “houve muitos estudos durante esses primeiros anos tratando de Cristo como Salvador, o plano de salvação, a lei e o evangelho, a justificação pela fé, a santificação, a vida somente em Cristo e a segunda vinda de Jesus”.

É possível perceber então que a predominância do tema da lei em publicações, debates e pregações adventistas nas primeiras décadas do movimento não reflete uma negação da crença na doutrina da justificação pela fé. Essa ênfase na lei pode ser mais bem explicada por motivações apologéticas e proselitistas. No intuito de defender a fé e proclamar suas crenças para outras pessoas, os adventistas do sétimo dia, de maneira pragmática, escolheram dar ênfase à disseminação de suas doutrinas distintivas, desviando sua atenção das doutrinas comuns às outras denominações. Isso levou os adventistas daquele período, mesmo não sendo essa a intenção inicial, a não enfatizar e, conseqüentemente, não dar primazia em sua mensagem à doutrina da justificação pela fé.

Essa ênfase exagerada na validade da lei e na sua função no relacionamento de Deus com o ser humano foi sentida nos diversos meios de que a igreja dispunha para comunicar suas crenças, como periódicos, folhetos e exposições públicas. Podemos observar esses mesmos efeitos nas duas primeiras versões da gravura *The Way of Life*. Sobre essa ênfase dada na gravura à lei de Deus, Woodrow W. Whidden (1992, n.p.) destaca que “o que mais chama a atenção na litografia de 1876 é a centralidade dos Dez Mandamentos pendurados nos galhos da ‘árvore da lei’. Embora a cruz esteja presente, ela não se destaca tanto quanto a lei”.

Podemos inferir, então, que o lugar de proeminência que a lei de Deus ocupa nas primeiras duas versões da gravura *The Way of Life*, em detrimento das figuras que representam a Cristo e Sua morte na cruz, é reflexo da demasiada atenção que a guarda do sábado e a lei de Deus ocuparam no pensamento adventista nas primeiras décadas. Essa ênfase não significa que os adventistas não criam na justificação pela fé. Isso fica evidente pela presença de Cristo e Sua morte na cruz colocados no centro da imagem ao lado da lei. Mas mostra que a lei disputava com a graça o foco do pensamento dos adventistas nesse período. Podemos ver pelo exposto até aqui e pela mensagem transmitida nas suas versões da gravura que, pelo menos nesse período, a lei ganhou atenção prioritária.

4.2. Terceira e Quarta Versões

Como visto anteriormente houve, uma grande mudança de ênfase nas últimas duas versões da gravura *The Way of Life*. Essa mudança se deve à retirada da árvore que continha os Dez Mandamentos. A referência à lei permanece na imagem, mas agora tem sua representação na figura do monte Sinai colocado à esquerda, no fundo da gravura.

Ao tratar o tema da interpretação de imagens, Martine Joly (2007) alerta que, na análise de imagem, tão importante quanto perceber que elementos foram escolhidos para uma composição é perceber quais elementos foram propositalmente deixados de fora. A escolha ou não de um símbolo para tratar determinada realidade é também instrutiva. A escolha da retirada da árvore contendo a lei nas duas versões finais de *The Way of Life* indica uma escolha intencional, e não meramente estética. Essa escolha remove do centro da imagem a figura que disputava a atenção do espectador com a figura da cruz de Cristo. Vale lembrar que a retirada da árvore não representa uma retirada da menção à lei de Deus na gravura. Esta continua a ser representada, como mencionado anteriormente. Mas a retirada da árvore do primeiro plano indica a intenção de sinalizar que a ênfase da mensagem é a graça salvadora de Jesus. A cruz, agora apresentada em dimensões ampliadas, encontra-se no centro e à frente de todas as outras cenas.

Donis A. Dondis (2023) analisa os elementos básicos da comunicação visual e traz, em sua reflexão, os conceitos de “escala” e “ênfase”. Por “escala” a autora compreende a capacidade dos elementos visuais de se definirem pela relação estabelecida entre eles. Assim, um elemento parece maior quando os elementos ao seu redor possuem tamanho diminuído e do mesmo modo o contrário. A “escala” em *The Way of Life* é usada para dar destaque à imagem para enfatizar a centralidade da cruz de Cristo. Enquanto os elementos ao redor de Cristo possuem tamanho inferior, a cruz onde Ele se encontra se destaca com proporções superiores. A “ênfase” se constitui como uma técnica “em que se realça apenas uma coisa contra um fundo em que predomina a uniformidade” (Dondis, 2023, p. 151).

Podemos ver o uso da “ênfase” nas duas versões finais da gravura onde encontramos um fundo uniforme no qual a história da redenção se desenrola por meio de elementos praticamente uniformes quanto a tamanho. Acima desse fundo uniforme temos o destaque da figura de Cristo que aparece, não somente em tamanho ampliado, mas também num plano de visão a frente de todos os demais. Essa escolha de composição visual parece indicar uma intenção de dar um destaque claro e inequívoco a obra de Cristo em favor do ser humano. Como ocorreu essa mudança tão grande de ênfase? O que aconteceu no adventismo desse período que explica essa mudança tão grande?

Como demonstrado até aqui, os adventistas do sétimo dia, em seus primeiros anos de existência, optaram por estratégias evangelísticas e apologéticas que resultaram em uma ênfase exagerada nos temas relacionados à lei de Deus. Esse foco nos mandamentos trouxe consequências negativas para a igreja nesse período. Ao descrever o estado espiritual dos membros adventistas nessa época, Froom (1971, p. 182) afirma que:

Muitos sustentavam a teoria da justificação pela fé como uma doutrina abstrata – um conceito ao qual se dava assentimento mental, mas sem conhecê-lo como uma experiência viva que trazia alegria e paz, e poder e libertação, à alma. Sem perceber, muitos haviam caído no formalismo e no legalismo.

Norman Pease (1968), ao analisar os escritos de Ellen G. White produzidos nas décadas de 1870 e 1880, encontra várias advertências direcionadas aos pastores, chamando-os para uma mudança de postura em relação à doutrina da salvação baseada nos méritos de Cristo. Ela “instou com os pastores adventistas, em 1879, a exaltar a Cristo em seus ensinos e a precaver-se contra ‘a fria teoria’” (*apud* Pease, 1968, p. 74). No ano seguinte, em outra mensagem aos ministros, ela afirma que “sermão algum deve ser feito, no entanto, sem apresentar a Cristo, e Cristo crucificado, como o fundamento do evangelho” (*apud* Pease, 1968, p. 75).

Em 1879, a Sra. White (2021, p. 363) escreveu aconselhando os pastores a apresentarem as doutrinas da igreja juntamente com a cruz de Cristo:

Anseio por ver nossos ministros se deterem mais na cruz de Cristo [...]. Se, em conexão com a teoria da verdade, nossos ministros se detivessem mais na piedade prática, falando de um coração imbuído do espírito da verdade, veríamos muito mais almas afluindo ao estandarte da verdade; seus corações seriam tocados pelas súplicas da cruz de Cristo, pela infinita generosidade e piedade de Jesus ao sofrer pelo ser humano. Esses assuntos vitais, em conexão com os pontos doutrinários de nossa fé, realizariam muito bem entre o povo.

As advertências de White contra a crescente tendência legalista entre os adventistas não se dirigiram apenas aos pastores. Muitos de seus escritos nesse mesmo período foram dirigidos à igreja como um todo, chamando-a a uma mudança na situação entre o povo adventista. Em

um apelo a ser lido aos adventistas do sétimo dia reunidos em reuniões campais durante o verão de 1882, ela declarou:

Deus fez ampla provisão para que possamos permanecer perfeitos em Sua graça, não nos faltando nada, esperando o aparecimento de nosso Senhor. Vocês estão prontos? Têm a veste nupcial? Essa veste nunca cobrirá o engano, a impureza, a corrupção ou a hipocrisia. Deus não poupou Seu próprio Filho, mas O entregou à morte por nossas ofensas e O ressuscitou para nossa justificação. Por meio de Cristo, podemos apresentar nossas petições ao trono da graça. Por meio Dele, indignos como somos, podemos obter todas as bênçãos espirituais. Viemos a Ele para que tenhamos vida? (White, 2022, p. 207).

Os apelos de Ellen G. White começaram a surtir algum efeito, e, aos poucos, outras pessoas foram se levantando dentro do movimento adventista para renovar o interesse do povo pela doutrina da salvação em Cristo. Em 1882, em uma campal em Healdsburg, Califórnia, Ellet Waggoner, médico de 27 anos, afirmou ter tido uma visão de Cristo na cruz e foi impactado pela compreensão de que aquele sacrifício havia sido feito em seu favor. Decidiu, naquele momento, que dedicaria sua vida para estudar e pregar essa verdade a outros. Algum tempo depois, Alonzo Jones se juntou a ele nessa empreitada. As mensagens propagadas por esses dois homens, com sua forte ênfase na justificação pela fé, culminariam nos importantes eventos da assembleia da Assembleia Geral de 1888, em Minneapolis, Minnesota. Embora as mudanças implementadas na gravura de 1883 não tenham uma relação de causalidade com os debates sobre a justificação pela fé em 1888, elas são um indício de preocupações cristocêntricas que se desenvolviam no adventismo na década de 1880.

É possível perceber que as grandes mudanças ocorridas em 1883 na gravura *The Way of Life* são coerentes com as mudanças que começavam a ocorrer dentro do adventismo no final da década de 1870 e início da década de 1880. Essas reformas em direção a uma maior ênfase na justiça de Cristo foram a princípio uma iniciativa de Ellen G. White, mas encontraram eco e cresceram nas vozes de outras pessoas dentro do movimento adventista.

Ao descrever as mudanças ocorridas na versão da gravura em 1883, Froom (1971, p. 182) afirma:

A imagem, uma bela gravura em aço, embora semelhante no contorno geral, teve esta mudança radical – a omissão da árvore predominante com sua ênfase na lei. *Em vez disso, no fundo à esquerda estava o Monte Sinai, com nuvens negras de tempestade e relâmpagos vívidos. A lei estava lá, mas em uma relação de segundo plano com o evangelho.* Uma cruz gigantesca, carregando seu sacrifício expiatório divino, agora é central. Ela ofusca todo o resto. Tudo, desde o Éden em diante, leva diretamente a essa cruz fundamental. E tudo, da cruz em diante até a Nova Jerusalém, aqui vividamente retratada, brota da cruz. Os contornos simbólicos são basicamente os mesmos. No entanto, são radicalmente diferentes. Jesus Cristo, e Ele crucificado, é agora a característica proeminente no retrato de Ellen G. White em 1883. Cristo aqui é central, fundamental, dominante. Toda a redenção se concentra Nele e flui Dele. Nada se intromete para desviar da primazia do evangelho, personificado em Cristo. *Ele é o Caminho da Vida.*

Morgan (1999, p. 209) destaca o apoio dado por Ellen G. White não apenas à produção e divulgação do quadro, mas à mensagem que ele carregava, demonstrando que “ao registrar os direitos autorais da imagem de 1883 e incentivar sua venda e circulação, White exerceu considerável influência sobre o debate teológico então em curso entre os adventistas do sétimo dia”.

É possível notar, então, que a versão de 1883 de *The Way of Life* e sua versão colorida, lançada em 1980, refletem nas mudanças em suas figuras mais do que meras transformações estéticas apenas, mas uma verdadeira mudança de ênfase dentro do movimento adventista. Esta mudança não rejeitaria a importância da lei, mas a reposicionaria de maneira a dar ênfase ao evangelho e à centralidade de Cristo, representando uma transição do foco na lei de Deus para o foco na justiça de Cristo. A cruz ganha primazia diante da lei, que mantém sua importância dentro da teologia adventista, mas agora começa a ser vista ocupando seu papel, não de protagonista, mas como parte de um processo que conduz a Cristo.

5. Considerações Finais

Foi possível perceber, por meio desta pesquisa, que as diferentes versões da gravura *The Way of Life* refletem o contexto teológico e eclesiológico do adventismo em seus respectivos períodos. A transição da obra, de uma imagem onde a lei domina a paisagem disputando espaço com a cruz, para uma obra em que indubitavelmente Cristo tem o protagonismo, é uma demonstração de um processo de mudança na ênfase do pensamento adventista.

Sem perceber, e movidos por nobres intenções, os pioneiros adventistas colocaram demasiada atenção na lei de Deus e nas obras humanas. Graças aos apelos de Ellen G. White e outros líderes influentes dentro do movimento, iniciou-se um processo de recolocar o ministério de Cristo em favor da humanidade no lugar de primazia no pensamento adventista.

A história do aprimoramento da gravura *The Way of Life* é testemunha do progresso do pensamento adventista na direção de colocar a doutrina da justificação pela fé no centro do seu corpo de crenças e de apresentar a Cristo como o único caminho da vida.

Referências

CASTRO, Adriano Luiz Ramos de. **Cidade gravada:** uma geografia do imprevisto. 2010. 263 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes da UFBA, Salvador, 2010.

Christ, the Way of Life, from Paradise Lost to Paradise Restored. 1883. Figura 4. Disponível em: <https://adventistdigitallibrary.org/adl-366866/christ-way-life?solr_nav%5Bid%5D=7f52b54df3f551e07a2d&solr_nav%5Bpage%5D=0&solr_nav%5Boffset%5D=4>. Acesso em: 6 ago. 2026.

Christ, the Way of Life. 1980. Figura 5. Disponível em: <https://ellenwhite.org/search#{%22key%22:%22search_string%22,%22params%22:%22the%20way%20of%20life%22}>. Acesso em: 6 ago. 2026.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FROOM, L. R. E. **Movement of Destiny**. Washington, D.C: Review and Herald, 1971.

HIGUET, E. A. Imagens e imaginário: subsídios teórico-metodológicos para a interpretação das imagens simbólicas e religiosas. In: Nogueira, P. A. S. (org.), **Religião e Linguagem: abordagens teóricas e interdisciplinares**. São Paulo: Paulus, 2015.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2007.

KELLOGG, M. G. The way of life from paradise lost to paradise restored. **Review and Herald**, v. 41, n. 24, p. 192, 1873.

KNIGHT, George. R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

MORGAN, D. **Protestants and pictures**: religion, visual culture, and the age of American mass production. Nova York: Oxford University Press, 1999.

MORGAN, D.; PROMEY, S. M. (org.). **The visual culture of American religions**. Berkeley: University of California Press, 2001.

NOGUEIRA, P. A. S., Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo. In: Nogueira, P. A. S. (org.), **Religião e Linguagem: abordagens teóricas e interdisciplinares**. São Paulo: Paulus, 2015.

NOW ready: The new steel-plate engraving entitled Christ the way of life, from paradise lost to paradise restored. **Review and Herald**, v. 60, n. 43, p. 687, 1883.

OLIVEIRA, Enoch. **A mão de Deus ao leme**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

OLSON, A. V. **Through crisis to victory**: 1888-1901, from the Minneapolis Meeting to the reorganization of the General Conference. Washington, D.C: Review and Herald, 1966.

PANOFSKY E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PEASE, N. F. **Solamente por fe**. Mountain View, CA: Pacific Press, 1968.

REIMER, H. Elementos e estrutura do fenômeno religioso. In: Lago, Lorenzo; Reimer, Haroldo; Silva, Valmor da (orgs.). **O sagrado e as construções de mundo**. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

SCHWARZ, Richard e GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016.

SILVA XAVIER, J.; DA SILVA GUIMARÃES, C.; GRAZIELE DAMASCENO SANTANA COSTA, G.; DE SOUZA SILVA, T.; DUARTE CLAUS, M. A imagem de Lutero nas gravuras do livro *The Great Controversy*. **Estudos Teológicos** [S. l.], v. 61, n. 2, p. 488-509, 2022. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/896>. Acesso em: 5 out. 2025.

SPALDING, A. W. **Origin and history of seventh-day adventists**: A revision of the book *Captains of the Host*. Washington, D.C: Review and Herald, 1962. V. 2.

The Way of Life, from Paradise Lost to Paradise Restored. 1873. Figura 1. Disponível em: <https://adventistdigitallibrary.org/adl-421853/way-life?solr_nav%5Bid%5D=7f52b54df3f551e07a2d&solr_nav%5Bpage%5D=0&solr_nav%5Boffset%5D=16>. Acesso em: 6 ago. 2026.

The Way of Life. 1876. Figura 3. Disponível em: <https://adventistdigitallibrary.org/adl-366863/way-life?solr_nav%5Bid%5D=7f52b54df3f551e07a2d&solr_nav%5Bpage%5D=0&solr_nav%5Boffset%5D=2>. Acesso em: 6 ago. 2026.

THE way of life. **Review and Herald**, v. 48, n. 15, p. 120, 1876.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

WHIDDEN, W. W. The Way of Life engravings: harbingers of Minneapolis?: How the Way of Life paintings helped to make clear our way of salvation. **Ministry**, outubro, 1992. Disponível em: <<https://www.ministrymagazine.org/archive/1992/10/the-way-of-life-engravings>> . Acesso em: 20 set. 2025.

WHITE, Ellen G. **Letters and manuscripts, volume 3**. Silver Springs, MD: White Estate, 1987. Disponível em: <http://text.egwwritings.org/book/b14053>. Acesso em 10 jul. 2025.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021. V. 4.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí, SP: Casa publicadora brasileira, 2022. V. 5.

WHITE, James. **Carta a Ellen G. White**. 19 jan. 1881, James White Letters, DF 718-a.